

Ser ou não ser: eis a questão. Um exercício de desleitura¹ de um soneto de Augusto dos Anjos

Danielle de Paiva Vilela e Sandra S. F. Erickson

Departamento de Letras, UFRN, Base de Pesquisa Lógica, Conhecimento & Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Utilizando a teoria e a metodologia desenvolvida por Harold Bloom, a saber, respectivamente, a ansiedade da influência ou melancolia da criatividade e o revisionismo dialético, propomos aqui uma releitura das imagens tidas como grotescas e mórbidas presentes no soneto do poeta Augusto dos Anjos (1911), “Agregado Infeliz de Sangue e Cal”, no sentido de redimensioná-las para o sublime, no sentido de Bloom de agon do poeta com a tradição ou cânone.

Palavras-chave: Harold Bloom, grotesco, melancolia da criatividade, sublime.

Abstract

Using the theory and methodology developed by Harold Bloom known as the Anxiety of Influence or Melancholy of Creativity, and dialectical revisionism, respectively, we purpose in this essay a new reading for the images which are taken as grotesque and morbid present in an August dos Anjos (1911) sonnet called “Agregado infeliz de sangue e cal”, proposing, instead that these images represent, according to Bloom’s theory, the sublime agon of a strong poet with the tradition or canon..

Key words: Harold Bloom, grotesque, melancholy of creativity, sublime.

Introdução

O soneto

Em nosso projeto de pesquisa “Arqueologia das imagens em Augusto dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade”, filiado ao projeto maior “A subversão do terror pelo sublime na poesia de Augusto dos Anjos”, desenvolvido desde 2002, estudamos o fenômeno estético que a crítica denomina de grotesco e mórbido na poesia de Augusto dos Anjos (1884-1912). Segundo a concepção de Erickson (2003, p. 222), esse fenômeno constitui uma das ironias mais notáveis da poética do autor, uma vez que enquanto seu vocabulário descreve fenômenos associados com a estética do horror e do mórbido, sua linguagem simbólica evoca, resgata e “enfrenta” a tradição poética ocidental de Píndaro a Baudelaire (ERICKSON, 2003, p. 22). Para o soneto *Agregado infeliz de sangue e cal* (Augusto dos Anjos, 1911) propomos, neste trabalho, uma nova leitura dentro dessa linha interpretativa.

A partir de uma análise etimológica simples e da aplicação da teoria do revisionismo dialético de Harold Bloom (1930-), metodologia de trabalho, evidenciamos que o poema, através de imagens antitéticas de efeito irônico, faz um metacomentário sobre sua sobrevivência canônica incerta-pertencer ou não pertencer ao cânone, sobreviver, morrer ou ainda viver em um outro tipo de existência imaterial “panteísticamente dissolvido” (l. 13) no cânone poético: eis a questão que sua voz lírica contempla. Essa angústia criativa é percebida ao longo do poema, especialmente em sua conclusão, quando a voz lírica responde ao questionamento existencial feito pelo solilóquio de Hamlet (SHAKESPEARE, 1602), que segundo a denúncia das evidências encontradas na presente pesquisa poderia ser um possível “pai poético” para o soneto em questão.

Materiais e Métodos

Antes de detalhar a leitura utilizada, se faz necessário uma breve descrição da teoria do crítico americano Harold Bloom (conhecida como ansiedade ou angústia da influência, ou alternativamente, melancolia da criatividade) e sua metodologia, o revisionismo dialético, acima mencionado. Como esclarece Bloom apud Erickson (2003, p. 25), poemas não são dados pelo prazer, mas pela angústia que o poeta experimenta ao comparar sua própria obra com a obra dos seus precursores. Um poema seria então a expressão maior da angústia do poeta, uma angústia pela prioridade da linguagem, uma busca por uma linguagem mais poderosa que consiga superar

esse “pai poético” e assim exercer influência em outros poetas, conquistando pela força de sua expressão poética um lugar no cânone.ⁱⁱ

O que acontece então é uma eterna luta entre poetas de várias gerações e nacionalidades, uma disputa pela eternidade, que é a influência poética. Um poema é superado pela sua apropriação por outro mais forte. Para tal fim, os poetas usam como armas imagens ou “tropos”, com os quais o confronto é deflagrado.

Nesse nível de análise, como evidencia Erickson, as recorrentes imagens de morte na poética de Augusto dos Anjos não se referem à morte biológica, mas a morte criativa, ou seja, o terror que assola todos os poetas fortes seria o medo de não conseguirem vencer suas disputas poéticas contra seus ancestrais poéticos. No poeta paraibano, essas imagens são claramente evocativas desse tema, qual seja a angústia da criatividade e o lugar do poeta no cânone ocidental maior, perfeitamente exemplificado nos seguintes versos:

Quando eu for misturar-me com as violetas,
 Minha lira, maior que a Bíblia e a Fedra,
 Reviverá dando emoção à pedra,
 Na acústica de todos os planetas!
 --Os Doentes, l. 239-41
 e
 Eu sou aquele que ficou sozinho
 Cantando sobre os ossos do caminho
 A poesia de tudo quanto é morto!
 --O Poeta do Hediondo, l. 12-14

Nos dois exemplos vemos a voz lírica se proclamar superior (no primeiro exemplo) e menos sobrevivente (no segundo) sobre todas as outras vozes. Lembrando que nesse segundo caso, hediondo vem de Hades (do grego *Haidēs*, *Aidēs*, ou *Aidoneus*), verbete inexistente no Houaiss, que, significando “o Invisível” se refere ao deus do mundo subterrâneo, Hades (o Plutão da mitologia latina) divindade, que, segundo Harvey em *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina* (1987) era “terrível e sinistra, mas justa” designando ao espectro de cada morto “a morada condizente com seus méritos”. Parece-nos óbvio que o significado “revisiónístico”ⁱⁱⁱ da referência no poema citado é o de que o poeta é o vencedor de todos os duelos travados na encruzilhada do cânone! Em outras palavras o hediondo que aparentemente se refere ao “que apresenta deformidade; que causa horror; repulsivo, horrível; que provoca

reação de grande indignação moral; ignóbil, pavoroso, repulsivo; que é sórdido, depravado, imundo, que exala odor nauseabundo; fedorento, fétido” (HOUAISS, 2001) é apenas uma máscara para aquele que Platão denomina de “propiciador de riquezas”.

Observa-se aqui um dos reversos irônicos favoritos do poeta em que no jogo de linguagem neoplatônico vida é a viver é estar no mundo das idéias, portanto, desencarnado, morto do ponto de vista material e, assim, morrer, significa, retornar para o *Coelum*, ou seja, nascer para no mundo ideal.

Discussão

O soneto

Uma grotesca imagem de morte é explorada no soneto *Agregado infeliz de sangue e cal*, um feto abortado, “Fruto rubro de carne agonizante” (l. 2) é a expressão máxima da “angústia da criatividade” presente ao longo dos versos.^{iv} Este ser é incomum, pois como o próprio texto esclarece não é um filho biológico, mas sim “Filho da grande força fecundante / De minha brônzea trama neuronal” (l. 2 e 3), ou seja, é um produto das idéias da voz lírica. Uma análise da etimologia da palavra feto permite essa mesma leitura em que o fenômeno reverso irônico característico da poética de Augusto da Anjos (acima explicitado) aparece através de um dos sentidos oferecidos pelo Houaiss: sinônimo de embrião, feto denomina qualquer coisa “rara, anormal, incomum” e ainda “na espécie humana, ser em desenvolvimento no útero após o final do terceiro mês, início, germe de qualquer coisa passível de se desenvolver, de ter continuidade”.

Através dessa definição se constata também uma falta de identificação ou definição do estatuto desse ser “em formação”, ou seja, em um estado permanente de “não ser”. Oferece-se, assim, a possibilidade de esse feto ser uma metáfora para o próprio poema, que reflete sobre qual será o seu próprio futuro.

Ainda fazendo um metacomentário sobre sua identidade como ser e sobre sua sobrevivência canônica incerta, a voz lírica no primeiro verso se refere a esse feto como “Agregado infeliz de sangue e cal”. “Agregado” significa, além de união, aglomerado e outras sinonímias desse grupo, “lavrador pobre estabelecido em terra alheia”. Nessa perspectiva, note-se que o poema é sempre um agregado coabitando com a “terra alheia” do poema pai. Como ainda não se sabe se tal poema terá o mesmo status do poema pai, ele é considerado apenas como um “agregado infeliz”. “Sangue” no mesmo verso é o elemento que transporta a vida para

se defender contra uma coisa estranha, assim como o poeta tenta combater a influência do “poeta pai” com o seu feto que não está morto, mas agoniza na batalha.

A questão permanece: que tipo de ser é este que é frágil (um feto) e mesmo assim precisou ser destruído pela “sinergia de um gigante”, como temos na segunda estrofe:

Que poder embriológico fatal
Destruiu com a sinergia de um gigante,
Em tua morfogênese de infante
A minha morfogênese ancestral?!

As imagens antitético feto/gigante e a estranheza da pontuação “?!” deixam em suspenso o estado desse ser. A afirmação e a pergunta ao mesmo tempo sugeridas pelo incomum sinal gráfico também revelam o esforço ou a angústia apropriadamente em se tratando de algo que não é ainda e que ao mesmo tempo pode vir a ser.

No caso de “gigante” temos como um possível sentido um “ser de saber e cultura admiráveis”. “Bloomianamente” falando, vemos aí a personificação do pai poético, aqui representado com um saber e forças admiráveis, ou seja, influência devastadora e quase destruidora. Vale ressaltar que a morte real e definitiva desse feto não é declarada. O que foi destruído, segundo a estrofe, foi a morfogênese ancestral do poeta, herdada pelo seu fruto. Este gigante, com tamanha força destruidora ou influenciadora poderia ser lido como o “pai dos pais”, aquele que supera em força toda a influência ancestral do poeta, toda uma hierarquia de importância. A este quem poderá vencer?

Na terceira estrofe o poeta ainda se refere a essa influência:

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!

“Passar” aqui pode significar “sobreviver à influência de”. Novamente não se sabe e o próprio poema não sabe-- se o ele vai resistir ao seu pai poético. A mesma pontuação, a (rever isto) interrogação seguida de exclamação, é usada para evidenciar a indefinição quanto ao futuro desse ser, porém agora já se percebe um esforço da voz lírica em preservar seu “infante”; já se cogita uma infância--ele terá uma--e a possibilidade de tragicamente feder. Considerando que ao feder, de certa forma, esse feto também exercerá uma influência. Podemos nos perguntar se o

soneto tem tudo para dar certo, mas tem lá o seu calcanhar de Aquiles, sua *hamartia* que conduziria à queda trágica também é afirmada e questionada ao mesmo tempo (?!).

Finalmente temos o desejo expresso pela voz lírica através da expressão “Ah!” que enfatiza o desejo de que o feto apenas durma, contrastando com sua condição inicial de ser “agonizante”: e ainda

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,
Panteisticamente dissolvido
Na **noumenalidade** do *NÃO SER!*

Substantivo derivado da palavra grega *nous* que significa, para o filósofo Aristóteles, a capacidade intuitiva de captar as verdades universais, vocábulo *noumenalidade* é um neologismo criado pelo poeta. Então questionamos que autor conseguiu captar essas verdades através do Não SER?

O soneto tem seu desejado fim “panteisticamente dissolvido”, estado que se opõe à natureza humana do ser. Temos um possível destino para o “fruto rubro”. Dissolvido na *noumenalidade* e, por que não na universalidade do “NÃO SER”? Não ser convencional; não ser acorrentado a estilos vigentes e ter coragem de fazer com que os desavisados e superficiais críticos de sua época apenas sintam o aparente mal estar causado por seus versos; não trazer imagens belas e polidas, que facilmente se entregam ao leitor e, por esta razão, ser ao mesmo tempo original e inovador estando na vanguarda de sua época. NÃO SER um poeta que desiste frente a esfinge shakespeariana atrás do SER OU NÃO SER e que, como Zeus carregou em sua coxa seu filho abortado Dionísio Zagreu na tentativa de lhe conceder uma existência, carregar também seu poema-feto atrevido enfrentando, assim, um grande patriarca da tradição.

ⁱ Termo chave da teoria e metodologia de Harold Bloom que significa a leitura (interpretação) de poemas buscando principalmente suas relações com outros poemas. (Ver nota 3).

ⁱⁱ Ver *A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos*, capítulos I e II, “Retórica e agon: o revisionismo dialético de Harold Bloom ou o tropo como figura de poder.” *Vivência* v.1 n 26. p.125-134. 2004; “A teoria da angústia da influência de Harold Bloom: alguns conceitos e paradigmas fundamentais” (ERICKSON e MATER, 2002).

ⁱⁱⁱ Ou seja o que denota, segundo o “vocabulário” de Bloom o resultado da apropriação de um poema por outro na qual se evidencie a “vitória” do poema mais recente vis a vis seu poema antecessor. Para mais definições do vocabulário de Bloom (ver ERICKSON, 2003).

Referências

- ANJOS, Augusto. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995.
- ERICKSON, Sandra S. F.; RETÓRICA e agon: o Revisionismo Dialético de Harold Bloom ou o tropo como figura de poder. **Vivência** v.1, n 26 p.125-134. 2004.
- _____. A teoria da angústia da influência de Harold Bloom: alguns conceitos e paradigmas fundamentais. Ilza Matias Sousa (Org.). **Café filosófico: filosofia, cultura, subjetividade**. Natal: Edufrn, 2004. p. 286-301.
- _____. **A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos**. João Pessoa: UFPB, 2003. 241 p.
- ERICKSON, Sandra S. F. MATER Originalis. **Da Vinci suplemento literário** [Diário de Natal], Natal, p. 2, agosto. 2002.
- HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Tradução Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VILELA, Danielle Paiva; Sandra S. F. Erickson. A ironia do grotesco em *Agregado infeliz de sangue e cal* de Augusto dos Anjos. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA 15º, 2004. Natal. Resumos. **Natal**: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004. CD-ROM.

Danielle de Paiva Vilela

Endereço eletrônico: danielle_vfly@yahoo.com.br

Base de Pesquisa: Lógica, Conhecimento & Educação

Endereço postal: Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Universitário, Natal/RN 59078-970 – Brasil